

O ENSINO/TRABALHO COLABORATIVO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

Indiana Reis da Silva Beceveli, Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes¹
Agda Felipe Silva Gonçalves, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES²
Sirlei Ferreira da Silva Goularte, Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes³
Érica Castellari Costa, Secretaria de Estado da Educação – SEDU⁴
Eixo Temático 5: Formação de Professores

Resumo

O trabalho aponta resultados parciais de um grupo de estudo formado por pesquisadoras das Redes Estadual e Federal de Ensino do Espírito Santo. Tem por objetivo discutir temas relevantes ao ensino/trabalho colaborativo na educação especial inclusiva para desenvolver ações de formação continuada com professores das redes públicas de ensino do Estado do Espírito Santo. A temática desta pesquisa situa-se em como praticar um ensino/trabalho colaborativo na educação especial inclusiva. Para tanto, o grupo de pesquisa virtual iniciado no mês de maio deste ano, no período da pandemia de Covid-19, tem se utilizado do percurso metodológico da pesquisa bibliográfica com caráter reflexivo, partindo de discussão das temáticas, reflexão sobre práticas colaborativas realizadas e, em paralelo, a realização de orientações aos professores que atuam com alunos com deficiência. O estudo tem por base a perspectiva Histórico Cultural que concebe o homem como um ser histórico, cujo desenvolvimento humano e aprendizagem ocorrem por meio dos processos de interação e de mediação. Esta matriz teórica compreende o indivíduo como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas por meio da interação social. Os resultados iniciais sinalizam que o ensino colaborativo torna-se fundamental para a escolarização do aluno com deficiência, marcando positivamente a prática do professor e da escola no caminho da inclusão escolar, que deverá propiciar as inúmeras possibilidades para a aprendizagem dos educandos e dos educadores. Esses dados apontam para a necessidade de sistematizar formações continuadas sobre a temática para que o ensino/trabalho colaborativo se torne uma realidade nas escolas, favorecendo, assim, a inclusão de todos os alunos.

Palavras-chave: Formação de professores. Ensino/trabalho colaborativo. Educação especial inclusiva.

¹ Mestra em Educação (PPGE–UFES), Pedagoga do Ifes, e-mail: indiana.bcv@gmail.com

² Doutora em Educação (PPGE-UFES), Prof.^a da UFES, e-mail: agdavix@msn.com

³ Mestra em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores (PPGEEDUC-UFES), Pedagoga/TAE do Ifes, e-mail: sfgoularte@gmail.com

⁴ Mestra em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores (PPGEEDUC–UFES), Prof.^a de Ciências/Biologia da SEDU, e-mail: erica2costa@hotmail.com

Introdução

O movimento de educação especial inclusiva suscitou a partir do ano de 1990. Desse período até os dias atuais é possível observarmos alguns avanços, mas ainda há muitas barreiras e dificuldades a serem superadas. Os desafios para a inclusão escolar são diversos e estão relacionados a vários fatores como: a organização da sociedade e os valores instituídos por ela; a definição e implementação de políticas públicas; a formação dos professores, entre outros (GÓES; LAPLANE, 2013).

Dentre os desafios elencados acima, destacamos a formação continuada com os professores para o ensino/trabalho colaborativo. Mendes, Virangola e Zerbato (2014, p. 46) descrevem o ensino colaborativo como:

[...] uma parceria entre professores do ensino regular e especial, desde que os dois se responsabilizem e compartilhem o planejamento, a execução e a avaliação de um grupo heterogêneo de estudantes, dos quais alguns possuem necessidades educacionais especiais.

Assim, a implementação de um currículo para atender às necessidades dos seus alunos e as práticas adotadas pelas escolas, estão diretamente relacionadas em como a instituição se preocupa com a aprendizagem de todos seus alunos (MARQUES; DUARTE, 2013).

Dessa forma, Carrilho (2011, p.18) aponta que o trabalho colaborativo incentiva os profissionais à mudança, já que o diálogo e a troca de experiência conduzem os professores para discussões sobre seu planejamento, procedendo melhorias para o ensino-aprendizagem em sua escola. Nessa direção,

A colaboração envolve negociações cuidadosas, tomada conjunta de decisões, comunicações efectivas e aprendizagens mútuas. Este modo de trabalho pode e deve estender-se à formação profissional ao longo da vida dos docentes, de forma a dotar os professores de mais ferramentas que lhes permitam responder com melhor eficácia e eficiência à mudança social a que assistimos actualmente.

Nessa perspectiva, considerando as necessidades de avançar com o conhecimento sobre práticas para o ensino inclusivo e a formação de multiplicadores como agentes para formação continuada com professores, é que esse grupo de estudo se constituiu e se debruça. Tem por objetivo fomentar estudos reflexivos sobre a temática do ensino/trabalho colaborativo na perspectiva da educação especial inclusiva, a fim de desenvolver ações de formação continuada com professores das redes públicas de ensino do Estado do Espírito Santo.

As experiências relatadas pelo grupo denotam a necessidade de formação sobre essa temática como possibilidade de desenvolver um trabalho integral para que os alunos com deficiência tenham acesso ao currículo, garantindo-lhes o direito de permanência e aprendizagem.

Ensino/trabalho colaborativo, formação continuada e pressupostos teóricos

O processo de ensino-aprendizagem ganha importância máxima na vertente Histórico Cultural, a qual fundamenta as reflexões deste trabalho. Destacamos que nessa perspectiva teórica a aprendizagem e apropriação do conhecimento se instituem na esfera social, percorrendo o caminho interpessoal para o intrapessoal. Esse caminho é singular e plural. Por isso o ensino é um processo social, cultural que marca os sujeitos envolvidos.

Para Vigotski⁵ (2007, 2008), a complexidade da estrutura humana decorre do processo de desenvolvimento arraigado nas relações entre história individual e social, sendo que a aprendizagem possibilita o desenvolvimento. Assim, a base biológica para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é o cérebro, caracterizado como um sistema mutável e de grande plasticidade.

⁵ A grafia do nome do teórico que embasa o estudo, quando escrita com i, significa tradução do russo para o português e, quando escrita com y, tradução norte-americana para o português. No presente texto, será registrado Vigotski e, nas citações, será grafado conforme a escrita dos autores das obras consultadas.

Nesse sentido, na tarefa de ensinar, o professor alarga o entendimento do sentido de educar, seguindo para além de transmitir conhecimento e possibilitando aos alunos caminhar pela via da apropriação do conhecimento, por meio da mediação. (VIGOTSKI, 1995; LEONTIEV, 1978).

As reflexões expressas na perspectiva Histórico Cultural indicam que a aprendizagem e apropriação do conhecimento não são naturais, elas são culturalmente elaboradas por uma produção dos sujeitos envolvidos em um meio social e cultural. Por isso um processo, inegavelmente, plural.

Vigotski (1995) alerta-nos para o fato de que é preciso ter um novo olhar, uma outra lógica de ensino. Para o autor precisamos ter uma percepção positiva, considerando não somente a deficiência que o aluno apresenta, mas também o potencial para o ensino-aprendizagem:

[...] o novo ponto de vista preconiza que não somente se tome em conta a característica negativa da criança, não somente sua deficiência e dificuldades, mas que se analise positivamente sua pessoa e a possibilidade [...]. Eis aqui porque a história do desenvolvimento cultural da criança nos permite formular a seguinte tese: o desenvolvimento cultural é a esfera mais importante pela qual é possível compensar a insuficiência. Ali onde o desenvolvimento orgânico resulta impossível, há infinitas possibilidades para o desenvolvimento cultural (VIGOTSKI, 1995, p. 313).

Nessa esfera de reflexão entendemos que a perspectiva Histórico Cultural nos auxilia a repensar nossas práticas, instigando-nos a propor parcerias, instituir novas possibilidades com as que conseguimos visualizar no ensino/trabalho colaborativo. Um ensino que vem buscando a aprendizagem coletiva do aluno em sua singularidade, do professor em sua prática docente e a aprendizagem da escola em seu sentido de existir para ensinar.

A concepção Vigotskiana estabelece que o homem se constitui por meio de suas interações sociais. Ele é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em determinada cultura. Nessa

perspectiva, valoriza a escola e considera que o bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento, a partir de uma dimensão prospectiva que permite a compreensão de processos de desenvolvimento que, embora presentes no indivíduo, necessitam de intervenção (REGO, 2014).

O ensino/trabalho colaborativo sob essa ótica se torna indispensável e possibilita o desenvolvimento de todos envolvidos no processo, garantindo o direito à aprendizagem dos alunos.

Percurso metodológico

Os fundamentos metodológicos empregados em nossa pesquisa seguem os pressupostos qualitativos. Para Minayo (2001, p.14):

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa, coordenada por professora da Ufes, tem como objetivo geral fomentar estudos reflexivos sobre a temática do ensino/trabalho colaborativo na perspectiva da educação especial inclusiva, a fim de desenvolver ações de formação continuada com os professores da Rede Pública de Ensino.

No primeiro momento, o percurso metodológico trilhado baseia-se numa pesquisa bibliográfica. Tomamos o cerne do conceito de pesquisa bibliográfica como aquela que busca reunir as publicações acerca de uma temática estudada. No nosso caso, uma reunião de trabalhos versando acerca do ensino colaborativo. A pesquisa bibliográfica se tornou a base desse trabalho devido seu teor de compilação, possibilitando a leitura e um olhar reflexivo sobre os escritos disponibilizados.

Para além da leitura e a compilação da bibliografia utilizada, instituímos um trabalho de cultivo do pensamento reflexivo, absorvendo as nuances do

processo do ensino colaborativo. Dessa maneira a pesquisa bibliográfica posiciona-se para este trabalho de acordo com a indicação de Silva (2015, p. 83)

Trata-se do levantamento da bibliografia já publicada sobre o assunto de interesse, em forma de livros, revistas, periódicos, publicações avulsas, veiculados na internet ou por meio da imprensa escrita. A pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise de sua pesquisa.

Posteriormente, será desenvolvida uma ação formativa com professores que atuam com alunos com deficiência. Para coleta de dados, será utilizado o grupo focal, que consiste numa técnica em que o moderador ou coordenador do grupo define um tema para discussão de interesse comum dos participantes. O grupo focal “[...] permite compreender processos de construção da realidade [...], compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes [...]” (GATTI, 2012, p. 11).

Após definidas as escolas, campo de pesquisa, e levando em consideração o cotidiano de cada instituição, serão estruturados: a forma de acompanhamento, a periodicidade e a duração de cada encontro.

Os dados serão analisados utilizando a análise de conteúdo, cujo objetivo é trabalhar as mensagens para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 2011). Essa perspectiva permite-nos um olhar sobre o não-dito, ou seja, o que está implícito nas entrelinhas dos discursos e que traduzem dados relevantes para a compreensão do sujeito e realidade estudada.

Das reflexões do grupo de estudo às revisões de literatura

Este grupo de estudo foi proposto pela professora coordenadora juntamente com sua ex-orientanda de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores da UFES

(PPGEEDUC-UFES). A organização inicial, em maio, foi realizada por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Visando estudar temas relativos à Educação Especial Inclusiva e compartilhar reflexões propostas com multiplicadores, foi feito o convite a mais duas pessoas para a composição do grupo.

A partir desses encaminhamentos iniciais, realizamos nosso primeiro encontro no dia 03 de junho por meio da plataforma da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), via Webconferência. A professora coordenadora fez uma explanação sobre os objetivos do grupo de estudo, a coleta de sugestões de temas, apresentando o caminhar teórico e a reflexão de que a educação libertadora jamais coloca o oprimido no lugar do opressor, pois “Um dos princípios da Educação Inclusiva é aceitar e entender a diversidade humana, as diferenças individuais, lutar pela igualdade de direito que cada um tem de aprender, considerando seu potencial e especificidade” (GONÇALVES, p. 1, 2012).

No encontro do dia 10 de junho, debatemos o texto “O trabalho colaborativo: uma estratégia de ensino na aprendizagem de alunos com deficiência intelectual” das autoras Aline Nathalia Marques e Márcia Duarte (2013). O objetivo desse encontro foi problematizar conceitos relativos à educação especial para ressignificar o trabalho pedagógico na perspectiva inclusiva. A coordenadora do grupo apresentou uma discussão sobre o termo “adaptação curricular”, fazendo analogia de um sanduíche com recheios diversos – que seria o currículo–, e, um sanduíche sem recheio – referindo-se à adaptação curricular.

A partir daí podemos inferir que um dos objetivos da educação especial é garantir aos alunos com deficiência o acesso ao currículo. Nesse sentido, o termo mais adequado ao tratarmos do tema, é “organização curricular e acessibilidade ao currículo”. Dentro dessa ótica, entendemos que o aluno tem o direito de acessar o mesmo currículo de sua turma comum e não somente a uma adaptação curricular”.

Em seguida, pautamos nossas reflexões no texto referência, em que as autoras realizaram um estudo com o objetivo de analisar o trabalho colaborativo entre os professores do ensino regular e da educação especial na aprendizagem do aluno com deficiência intelectual. Os resultados apontaram que os professores encontram dificuldades em estabelecer uma parceria colaborativa, devido ao pouco tempo que ambos têm para planejarem juntos os conteúdos a serem trabalhados nas aulas.

A partir de nossas experiências e do texto estudado, ressaltamos que o fator tempo e a organização muitas vezes constituem-se entraves ao desenvolvimento do ensino/trabalho colaborativo, pois nessa perspectiva os “[...] professores são responsáveis por planejar e compartilhar os objetivos de trabalho para os alunos com necessidades educacionais especiais”. (MARQUES; DUARTE, 2013, p. 94). O ato de planejar é indissociável à prática pedagógica e, se necessitamos desenvolver um trabalho de parceria, é indispensável a organização e a instituição de espaços-tempos para o planejamento em conjunto.

O artigo base para as discussões no terceiro encontro ocorrido em 17 de junho foi “Ensino colaborativo: um relato de experiência sobre o desenvolvimento de parceria colaborativa”, das autoras Caroline Penteado Assis, Enicéia Gonçalves Mendes e Maria Amélia Almeida (2011). O texto mostra como a pesquisadora tentou estabelecer uma parceria com uma professora do ensino regular que enfrentava problemas para incluir um aluno com deficiência, apresentando dois modelos de coensino: a consultoria colaborativa, que trata-se de uma assessoria realizada por profissionais especialistas e o ensino colaborativo, uma parceria entre os professores da educação regular e os professores de educação especial, numa perspectiva de trabalho conjunto.

A partir desse texto tivemos clareza sobre a diferença entre consultoria colaborativa e ensino colaborativo o que proporcionou uma melhoria quanto às

orientações pedagógicas realizadas aos professores das instituições vinculadas ao grupo de estudo.

Durante nosso percurso formativo, assistimos a *live* “O trabalho colaborativo na educação especial - Possibilidades em tempos de pandemia”, organizada pelo Grupo de Pesquisa “Formação, Pesquisa-ação e Gestão em Educação Especial” (GRUFOPEES-UFES). As palestrantes relataram como tem sido o trabalho colaborativo desenvolvido na cidade de Santa Maria de Jetibá-ES em tempos de pandemia e suspensão das atividades presenciais.

No dia 24 de junho, refletimos sobre “Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre professores” das autoras Carla Ariela Rios Vilaronga e Enicéia Gonçalves Mendes (2014). O trabalho analisou as experiências sobre ensino colaborativo de professores da educação especial do município de São Carlos-SP. As análises trouxeram exemplos de coensino em diferentes estágios e reflexões sobre os fatores que podem contribuir para essa realidade na escola.

As autoras ressaltaram a importância da formação de professores para educação especial e a necessidade de tempo para planejar o trabalho colaborativo tendo em vista que

[...] na política atual, os professores de educação especial possuem uma demanda excessiva de atendimento individual nas salas de recursos multifuncionais, não existindo tempo para a formação específica do profissional durante a carga horária de trabalho e para a atuação em colaboração com o professor da sala comum (VILARONGA; MENDES, 2014, p.141).

A definição de papéis e um planejamento colaborativo são essenciais. As autoras identificaram a partir dos relatos dos professores “[...] que a conquista pelo trabalho nesse modelo é um processo, caminho que começa pela definição de papéis que cada profissional [...] desempenha em sala de aula” (VILARONGA; MENDES, 2014, p.147).

No dia 02 de julho, fizemos algumas considerações sobre as reflexões dos estudos já realizados. A professora coordenadora apresentou-nos a seguinte questão: “como, através desses textos, poderíamos trabalhar uma formação na perspectiva do ensino/trabalho colaborativo com professores do nosso ambiente de trabalho?”. A partir dessa provocação as professoras multiplicadoras iniciaram planejamento de um projeto de curso de formação continuada em contexto sobre Educação Especial Inclusiva.

Em 09 de julho, assistimos a uma *live*, organizada pelo GRUFOPEES-UFES, intitulada “Ensino colaborativo: planejamento e práticas no contexto atual de pandemia” com as participações das Prof.^a Dr.^a Ana Paula Zerbato (USP) e Prof.^a Mestranda Ana Lúcia Sodré de Oliveira (SEME-Vitória). Zerbato em sua explanação apresentou formas colaborativas, destacando três momentos fundamentais: planejamento, execução e avaliação e replanejamento. Sodré relatou como tem sido o atendimento, em tempos de pandemia, aos alunos com deficiência da Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. A pesquisadora destacou a importância do pedagogo como mediador no processo de tornar o currículo acessível a todos.

Dando sequência, em 15 de julho pautamos nossas reflexões acerca da plasticidade cerebral e as implicações no desenvolvimento das pessoas com deficiência. Iniciamos apreciando o vídeo “menino que nasceu sem grande parte do cérebro consegue ler, escrever e tocar música” que mostra como o estímulo do ambiente constitui-se fator principal para que a plasticidade cerebral ocorra.

Estudamos também o relatório produzido pela professora coordenadora sobre o tema em questão. Em seguida, analisamos o texto “Lobos cerebrais e suas funções”, em que a professora coordenadora mostrou, a partir de uma imagem ilustrativa, a divisão e a localização de cada lobo, além de suas respectivas funções.

No dia 22 de julho, assistimos ao documentário “O cérebro que se transforma” e refletimos sobre a capacidade mutativa do cérebro. No vídeo foi abordado pelos especialistas que todos nascem com potencial plástico, o que possibilita a constante aprendizagem do indivíduo.

Em 05 de agosto, estudamos o texto “O caso real de Emília”, no qual compreendemos a relevância da interação social para o desenvolvimento humano. Em seguida, assistimos ao vídeo “Três conceitos fundamentais sobre o desenvolvimento na primeira infância” e discutimos a importância da mediação para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Dando sequência ao nosso processo formativo, em 27 de agosto assistimos a *live* “Inclusão das pessoas com deficiência no ensino médio e profissional”, organizada pelo GRUFOPEES-UFES com a participação de uma componente do nosso grupo de estudo que relatou experiências do processo de inclusão de alunos com deficiência no âmbito do Ifes, abordando avanços e desafios.

Dentro desse conjunto de atividades, obtivemos o aprofundamento em referenciais teóricos e bibliográficos que nortearam o processo formativo do grupo, suscitando reflexões quanto à importância de um processo de formação contínuo e permanente para que fomente movimentos inclusivos em prol de uma educação de qualidade para todos.

Discussão e resultados parciais

Durante o caminho formativo nos encontros do grupo de estudo, as professoras multiplicadoras que atuam nas Redes Estadual e Federal de Ensino do Espírito Santo tiveram acesso a discussões sobre a importância do ensino/trabalho colaborativo. As reflexões indicaram: a importância do diálogo, da troca de experiências entre o professor do ensino comum e o professor da educação especial e a necessidade de formação continuada em contexto com professores, visando potencializar práticas pedagógicas de ensino na

perspectiva da educação especial inclusiva.

Nesse sentido, a constituição de espaços formativos que propiciem a construção dos saberes docentes, tendo como meta um processo contínuo de formação para o trabalho com a heterogeneidade dos estudantes, incluindo aqueles que constituem público-alvo da Educação Especial, assume absoluta pertinência (SOBRINHO; ALMEIDA, 2017, p. 87).

Ao considerarmos a relevância da temática estudada e a necessidade de ações formativas, entendemos que a formação continuada em contexto, focalizando o ensino colaborativo, torna-se importante mecanismo para alavancar não apenas os processos de inclusão escolar nos espaços educativos, mas também possibilitar a democratização da educação e a aprendizagem de todos os alunos. Assim sendo,

A formação em contexto, ou seja, aquela realizada no ambiente da escola, planejada pela escola e com os professores, passa a considerar a forma organizativa e pedagógica instituída no espaço educativo e a prática do professor (GOULARTE, 2018, p. 97).

A inclusão escolar fundamentada na formação para o ensino/trabalho colaborativo pode ser tornar uma grande possibilidade de acesso ao conhecimento dos alunos com deficiência. Nesse sentido, o ensino colaborativo tem-se tornado uma temática cada vez mais aprofundada por meios das pesquisas em Educação Especial. Discutindo acerca dessa questão Mendes (2009, p. 14) indica-nos que

[...] na atualidade a grande maioria dos países investe prioritariamente na implantação dos serviços de apoio dentro da perspectiva da inclusão escolar, tais como ensino colaborativo entre professores da educação comum e especializada, serviços de consultorias colaborativas de profissionais especializados [...].

Dentro dessa perspectiva, entendemos que o professor da Educação Especial passa a mediar conhecimentos, colaborando com o professor da sala de aula comum, possibilitando troca de experiências e fomentando parcerias no

ambiente escolar. O ensino organizado, dentro dessa visão compartilhada, favorece as soluções de questões que se apresentam no cotidiano escolar, muitas vezes específicas dos alunos com deficiência presente na escola e dos alunos como um todo, podendo responder às necessidades singulares da demanda educativa.

Nesse sentido, Jesus (2002, p.154) ajuda-nos a entender o que ocorre na parceria entre os professores: “[...] a colaboração substituí a competição e o isolamento. [...] o modelo proposto auxiliava os profissionais a verem a si próprios e os seus colegas como “solucionadores das questões coletivas”.

Nessa ótica, “[...] a formação continuada centrada na escola é uma rica oportunidade de partilha, de troca, de escuta, e de respeito ao outro, de se constituir possibilidades de conjugar a diferença à igualdade [...]” (VIEIRA; JESUS, 2017, p.133).

A implementação de ações formativas embasadas nestes pressupostos marca positivamente a prática do professor e da escola no caminho da inclusão escolar, que deverá propiciar as inúmeras possibilidades para a aprendizagem dos educandos e dos educadores.

Considerações finais

Discutir a educação especial na perspectiva inclusiva e fomentar reflexões a respeito do tema constitui-se numa possibilidade de criar espaços inclusivos na educação. As reflexões tecidas neste texto sinalizam que o ensino/trabalho colaborativo torna-se fundamental para a aprendizagem do aluno com deficiência.

Os dados parciais apontam para a necessidade de sistematizar formações continuadas em contexto sobre a temática para que o ensino/trabalho colaborativo se torne uma realidade nas escolas, favorecendo, assim, a inclusão de todos os alunos.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, L.; ABREU, I. **Viagem pelo Cérebro - pais e filhos**. Ciência Viva, s.d, p.15.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 70 ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.

BUSS, J. J. et al. O trabalho colaborativo na educação especial - possibilidades em tempos de pandemia. **Youtube**, 18 jun. 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=csBK7cTYujl&ab_channel=GRUFOPEES-U-FES. Acesso em: 12 set. 2020.

CARRILHO, M. R. F. S. **Trabalho colaborativo entre professores e inovação educacional**: contribuições da investigação. 2011. 125 f. Dissertação (Educação/ Mestrado em Inovação e Mudança Educacional) – Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2011.

CENTER ON THE DEVELOPING CHILD (CDC). Três conceitos fundamentais sobre o desenvolvimento na primeira infância. **Youtube**, 22 out. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dZazltqAti0>>. Acesso em 05 ago. 2020.

DOIDGE, N. O cérebro que se transforma. **Youtube**, 18 abr. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=71_Da3SKj0g>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro, 2012.

GLOBO REPÓRTER. Menino que nasceu sem grande parte do cérebro consegue ler, escrever e tocar música. **Youtube**, 08 out. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9LPFwsXgRdU>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. **Políticas e práticas de educação inclusiva**, (Org.). 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

GONÇALVES, A. F. S. Educação inclusiva e educação especial. Universidade Federal do Espírito Santo – CEUNES, 2012.

GOULARTE, S. F. S.; SIMÕES, F.; MILANESI, J.B. Inclusão das pessoas com deficiência no Ensino Médio e Profissional. **Youtube**, 27 ago. 2020. Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=_o3P-co9AgU&list=UUlzuLQq2ve0xxJwE0QZkBGQ&ab_channel=GRUFOPEES-UFES>. Acesso em: 12 set. 2020.

GOULARTE, S. F. S. **Inclusão e prática docente na educação profissional**. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores, Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, 2018.

JESUS, D. M. **Educação inclusiva: construindo novos caminhos**. 2002. 217 f. Relatório (Pós-Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARQUES, A. N.; DUARTE, M. O trabalho colaborativo: uma estratégia de ensino na aprendizagem de alunos com deficiência intelectual. **Revista de Ciências Humanas**, v.14, n.23, p.87-103, 2013.

MENDES, E. G. A formação do professor e a política nacional de educação especial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., São Paulo-SP: ABPEE. **Anais...** São Paulo: ABPEE, 2009. p.1-18.

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SILVA, A. M. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. rev. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará-EdUECE, 2015.

SOBRINHO, R. C.; ALMEIDA, M. L. A acessibilidade de estudantes com deficiência no ensino superior brasileiro: a formação continuada dos docentes como política institucional. In: OLIVEIRA, I. M.; RODRIGUES, D.; JESUS, D. M. (Org.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e inclusão escolar**. Vitória, ES: Edufes, 2017.

VIEIRA, A. B.; JESUS, D. M. Falando de formação de professores e cartografando propostas formativas em contexto. In: OLIVEIRA, I. M.; RODRIGUES, D.; JESUS, D. M. (Org.). **Formação de professores, práticas**

pedagógicas e inclusão escolar. Vitória, ES: Edufes, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores.** Madri: Visor, 1995. (Obras Escogidas, tomo III).

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZERBATO, A.P.; OLIVEIRA, A. L. S.; ALMEIDA, M.L. Ensino colaborativo: planejamento e práticas no contexto atual de pandemia. **Youtube**, 19 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F4clQNJcCRw&ab_channel=GRUFOPEES-UFES>. Acesso em: 12 set. 2020.